



University of  
Texas Libraries



e-revist@s

Sumários.org



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 6, art. 11, p. 208-226, nov./dez. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.6.11

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Gestos de Leitura em Saussure: Em Busca do “Verdadeiro” Pensamento na História da Linguística

### Reading Gestures in Saussure: Searching for "True" Thinking in the History of Linguistics

**Ligia Mara Boin Menossi de Araújo**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

E-mail: ligiamenossi@gmail.com

**Marco Antonio Almeida Ruiz**

Doutor em sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales

Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

E-mail: marcoalmeidaruiz@gmail.com

**Endereço: Ligia Mara Boin Menossi de Araújo**

Rua Abraão João, n. 55, casa 18, condomínio Parque dos Ipês, Cep: 13.562-150, São Carlos. Brasil.

**Endereço: Marco Antonio Almeida Ruiz**

Dr. João Palma Travassos, n. 490, apartamento 141, edifício Rio Madeira, Cep: 14.091-180, Ribeirão Preto. Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

Artigo recebido em 20/05/2019. Última versão recebida em 05/06/2019. Aprovado em 06/06/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



## RESUMO

Neste artigo, propomos fazer um estudo discursivo acerca dos discursos produzidos por leitores de Saussure preocupados em questionar e mostrar o “verdadeiro” pensamento saussuriano com base em suas fontes manuscritas. Trata-se de gestos de leitura críticos sobre sua obra fundante, CLG, que visam trazer novas reflexões sobre a sua figura e a sua teoria na pós-modernidade. Desse modo, fazer uma reavaliação de sua obra, tentando localizar o que ficou dela nos dias de hoje, em meio a esse contexto atual de novas reflexões, pode, muitas vezes, significar uma volta a um constructo teórico considerado por alguns estudiosos “ultrapassado” e “superado”. Nesse sentido, na contramão desse pensamento, propomos revisitar suas proposições teóricas iniciais que permitem reconhecer a sua contribuição e analisar como Saussure é lido hoje, por meio de uma edição crítica produzida por Simon Bouquet, Introdução à leitura de Saussure, que produz sua narrativa a partir da leitura dos manuscritos. Ancoramos epistemologicamente a nossa proposta de trabalho na Análise do discurso de orientação francesa, sobretudo na discussão empreendida por Jacques Guilhaumou acerca da noção de acontecimentos discursivo e da narrativa do acontecimento.

**Palavras-chave:** Pensamento Saussuriano. Acontecimento Saussure. Narrativa do Acontecimento.

## ABSTRACT

In this article, we propose to make a discursive study about the discourses produced by readers of Saussure concerned with questioning and showing the "true" Saussurian thought based on their handwritten sources. These are critical reading gestures about his foundational work, CLG, which aim to bring new reflections about his figure and his theory in postmodernity. Thus, to make a re-evaluation of his work, trying to locate what has remained of it nowadays, amid this current context of new reflections can often mean a return to a theoretical construct considered by some scholars "outdated" and "exceeded". In this sense, contrary to this thought, we propose revisiting this initial scenario that allow us to recognize his contributions and analyze how Saussure is read today, through a critical edition produced by Simon Bouquet, Introdução à leitura de Saussure (in Portuguese), which produces his narrative by reading the manuscripts. We present our work proposal in the French discourse analysis, especially in the discussion undertaken by Jacques Guilhaumou about the notion of discursive event and narrative of the event.

**Keywords:** Saussurian Thought. Saussure's Event. Narrative of the Event.

## 1 INTRODUÇÃO

Ferdinand de Saussure e seu *Curso de Linguística Geral* (CLG) tem sua importância reconhecida no campo das ciências humanas e, em especial, da linguística, ele é considerado como um precursor intelectual pouco comum para o contexto do início do século XX, o de fundador de uma ciência Linguística moderna.

Pode-se dizer que até o seu aparecimento, o que se tinha em relação aos estudos linguísticos era uma visão atomista, em que se dedicavam a estudar, a partir de um ponto de vista substancialista, um conjunto de termos-objetos, tomando-os um a um. A linguística histórico-comparativa tornou-se um exemplo desse momento de estudos, pois pela comparação entre as línguas e, mais especificamente pela comparação entre os termos, dedicou-se a buscar uma origem comum.

Durante sua vida na academia, Saussure escreveu pouco, mas produziu grandes reflexões<sup>1</sup>. Sua carreira foi muito promissora e sua importância é reconhecidamente merecida. Como professor na Universidade de Genebra, ministrou três cursos<sup>2</sup> que trariam uma nova forma de pensar seu objeto de análise, a língua, baseada num caráter científico. Como consequência desses cursos, após sua morte em 1913, foi organizada e publicada uma obra que marcou uma época, um acontecimento na história que proporcionou grandes discussões e polêmicas em torno de sua autoria, o CLG, em 1916.

Assim, por meio de seu pensamento “revolucionário”, foi possível (re)pensar o fazer científico nos estudos linguísticos. As teorias “pós-saussurianas”, se apoiando ou se desvencilhando do autor genebrino, ganharam força e novas discussões foram surgindo ao longo dos anos seguintes. Nesse sentido, permitiu-se que novos pensamentos, novas teorias, novas formas de interpretar o seu objeto se desenvolvesse e, com base nos mais diferentes campos de que hoje a linguística dispõe, pudesse contribuir para esse cenário de estudos tão rico e fecundo de reflexões.

A Análise do discurso de orientação francesa (AD), por exemplo, surge no final dos anos sessenta e como um de seus objetivos dedicou-se a investigar a língua por meio da produção de discursos e como eles, no interior de uma sociedade, adquirem sentido,

---

<sup>1</sup> Aos vinte anos, o mestre genebrino apresentou sua dissertação, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans le langues indoeuropéennes*, uma obra de linguística comparativa cujo objetivo foi observar o uso primitivo do sistema de vogais nas línguas indo-europeias.

<sup>2</sup> “1º curso – de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907 (...) 2º curso – da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 (...) 3º Curso – de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 (...)” (Salum, Prefácio à edição brasileira do Curso de Linguística Geral – edição brasileira de 1973 apud CLG, 2012).

considerando suas ideologias no interior da história. Courtine (2013), retomando as palavras de Michel Foucault, nos mostra o que compreende sobre o discurso, segundo ele:

O discurso não deve ser assumido como o conjunto das coisas que se diz, nem como a maneira de dizê-las. Ele está outro tanto no não dito, ou no sinalizado por gestos, atitudes, modos de ser, esquemas de comportamento, deslocamentos especiais. O discurso é o conjunto das significações coercivas e constrangedoras que perpassam as relações sociais (FOUCAULT *apud* COURTINE, 2013, p. 26).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com esse “progresso” da Linguística – se é que podemos chamar assim – pôde-se voltar ao seu objeto e tratá-lo a partir de novos pontos de vista, novas reflexões. Com isso, para a AD, sobre o estudo do sentido, não era mais possível considerá-lo apenas como conteúdo, isto é, olhar para aquilo o que o texto diz ou quer dizer (posição tradicional diante de um texto), mas como o texto funciona. Orlandi (2012), em uma de suas considerações, mostra-nos que a leitura que aparece nesse momento não é mais uma simples decodificação, mas permite a construção de um dispositivo teórico. Segundo ela, tais considerações, ao contrário daquela instituída pela escola estruturalista – na qual Saussure é comumente inserido – em que a língua era vista na sua imanência, permitem que um arquivo seja construído e armazenado na história e que contribua para que os diferentes gestos de leitura sejam possíveis. Sobre isso, ela ainda afirma que,

A análise de discurso ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão. Ela se apresenta como uma teoria da interpretação no sentido forte (ORLANDI, 2012, p. 21).

Desse modo, fazer uma reavaliação da obra de Saussure, tentando localizar o que ficou dela nos dias de hoje, em meio a esse contexto atual de novas reflexões, pode, muitas vezes, significar uma volta a um pensamento considerado por alguns estudiosos “ultrapassado”, “superado”, algo que até então estava “esquecido” ou até mesmo “abandonado”. Neste artigo, pelo contrário, propomos refletir – ou pelo menos instigar a novos questionamentos – a maneira de pensar sobre esse representante da linguística, principalmente a sua contribuição para o desenvolvimento da Linguística brasileira, por meio de materiais que permitem revisitar seus pensamentos, trazer como mote de reflexão as principais questões levantadas na

obra de 1916<sup>3</sup> e que permitem (re)conhecer que esse pensamento saussuriano ainda é fruto de infinitas contribuições, fonte de (in)certezas mesmo tanto tempo depois de seu aparecimento.

Nos anos sessenta<sup>4</sup>, com a descoberta dos manuscritos saussurianos, foi possível uma nova roupagem nas proposições do Curso, tratou-se de um conjunto de materiais compostos de cadernos de anotações de alunos, traduções das edições e leituras críticas que propiciaram novos questionamentos sobre sua obra e sobre seu pensamento. Era possível, a partir disso, comparar o que Bally e Sechehaye, editores do CLG, tinham editado em 1916 com as recentes descobertas e, assim, chegar a possíveis novas reflexões.

Com base nesse “novo” material, é possível voltarmos às reflexões teóricas empreendidas pelo Curso e olhá-las a partir de um outro ponto de vista, o da crítica, permitindo, desse modo, investigar o seu contexto de produção e a sua importância para a descrição da linguística saussuriana “pós-CLG”, mostrando o que seria o “verdadeiro” Saussure, “desconhecido” por todos. Tal material permite revisitar o pensamento saussuriano, buscar compreender, ou pelo menos conhecer mais detidamente, o que de real passava-se em sua cabeça, as dúvidas e as (in)certezas, fatos estes que não aparecem na obra fundante, dada a natureza de sua produção e organização.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para isso, neste artigo, diante desse rico e denso material descoberto e das recentes discussões em torno do seu pensamento que compõem o chamado *arquivo saussuriano* é que propomos, como escopo de análise, observar uma das traduções brasileiras das edições críticas, a obra *Introdução à leitura de Saussure* de Simon Bouquet<sup>5</sup>, ancorados nos pressupostos teóricos da Análise do discurso de orientação francesa, sobretudo utilizando-se da noção de *acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento*. Além disso, é

---

<sup>3</sup> É necessário salientarmos que com o surgimento dos textos inéditos, não pretendemos desmerecer o CLG e sua contribuição para o cenário de estudos linguísticos, mas sim, queremos enfatizar que tais leituras críticas oferecem muito mais de conhecer apenas o Saussure do Curso, mas também de entender de que forma ele conseguiu elaborar os pilares centrais para a fundação da ciência que hoje conhecemos como Linguística moderna.

<sup>4</sup> Robert Godel dá início aos estudos dos manuscritos em 1957, material crítico ao pensamento saussuriano do CLG, com a publicação de sua tese de doutorado *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Nela, Godel, procurou encontrar “as fontes precisas de cada capítulo, parágrafo ou subseção do texto” e acessar a confiabilidade do texto diante do material original que os editores haviam processado (GODEL, 1957, p. 9 apud BOUISSAC, 2012, p. 207).

<sup>5</sup> A obra de Bouquet tem trazido valiosas contribuições sobre a “verdadeira” face do pensamento do linguista genebrino. Em suas notas, ele afirma que o CLG é apócrifo, já que não reflete, em nada, as ideias desenvolvidas por Saussure durante seus cursos de linguística geral na Universidade de Genebra. No livro, o autor analisa a articulação entre a epistemologia, metafísica e a ciências humanas, visto serem aspectos de relevância fundamental para a compreensão do projeto científico arquitetado por Saussure.

importante observarmos como tais edições críticas, traduções brasileiras que passaram a ganhar espaço na Linguística no final do século passado e início do XX, contribuem para o surgimento de um *acontecimento Saussure*, um conjunto de enunciações numa instância “maior” que comporta tudo o que é (e pode ser) dito sobre Saussure como, por exemplo, o material crítico que, hoje, passa a circular muito mais fortemente no cenário da Linguística, (re)visitando-o, questionando-o, “refutando-o” e trazendo novas considerações, novas reflexões sobre seu pensamento.

Saussure ainda tem muito a dizer-nos, a mostrar-nos e a ensinar-nos em relação ao que pensou sobre essa ciência tão produtiva e fecunda. Tamanha é sua importância e relevância que implica-nos abordar tal edição crítica como um *acontecimento discursivo* no interior desse *acontecimento Saussure*, ou seja, por meio de um “novo” conjunto de enunciados, narrados pelo *autor-narrador*<sup>6</sup> Simon Bouquet, permite se falar do mestre genebrino e produzir novos efeitos de sentidos no interior do arquivo. Tais enunciados possibilitam a irrupção de novas considerações, questionamentos marcados na história e que divergem dos conceitos antes – sobre o ponto de vista da obra fundante de 1916 – cristalizados no interior dessa ciência.

Assim, com base nesse *acontecimento Saussure* que acontecimentos discursivos (re)surgem, irrompem na história, produzindo novas enunciações por meio de narrativas do acontecimento<sup>7</sup>. Tais considerações permitem que uma “nova história” seja contada, um novo Saussure seja (re)visitado e que novas formas de abordá-lo permitem que haja a fuga de uma visão estrutural e imanentista sobre a obra CLG e de toda a sua continuidade na maneira de tratá-lo até a descoberta de seus manuscritos. É com isso, que partindo dos conceitos de Michel Foucault (1969) diante de uma nova história e da descontinuidade, que nosso trabalho se fundamenta.

---

<sup>6</sup> Esse conceito representa não somente por seu posicionamento enquanto “autor”, aquele que organiza diferentes vozes e produz a história, mas também enquanto “narrador”, aquele que participa “a seu modo”, narra e descreve os fatos, produz julgamentos avaliações e, principalmente, atribui aos enunciados diferentes gestos de interpretação, que produzem efeitos de sentido de verdade distintos. O *autor-narrador* torna-se, assim, autorizado a falar não apenas sobre o Curso, sobre Saussure, mas também, muitas vezes, “como Saussure” (RUIZ, 2015).

<sup>7</sup> Entendemos como narrativas – narrativas do acontecimento – a narração feita pelos autores das edições e leituras críticas, em que cada produtor prioriza ou retoma em sua fala aquilo que mais achar conveniente e apropriado para representar a figura de Saussure no Brasil. Assim, como diz Guilhaumou (2009, p. 136-138), “a ação [narração dos fatos por cada autor] torna-se, assim, ao final do caminho, e sobre o modelo do relato de vida, uma ação narrada por um espectador que testemunha sua autenticidade, sua verdade. A isso corresponde dizer que toda pessoa (ator, protagonista, espectador etc.) participa da narrativa do acontecimento, co-constrói esse acontecimento [publicação das leituras ou e/ou edições críticas], contribuindo, dessa forma, na tematização das formas sociais particulares que dão uma consistência universal a uma narração de vida, aí incluída sua transformação heroica.

Tendo em vista nosso esboço de análise, podemos observar que a tradução da obra em questão – *Introdução à leitura de Saussure* – por meio de sua narrativa do acontecimento, cria novos pontos de vista, novos gestos de leitura e interpretação que (re)definem Saussure no cenário da Linguística moderna – e da Linguística brasileira em particular – e contribuem para a construção desse *acontecimento Saussure*, por meio de novas enunciações. Mobilizamos para nossa análise os conceitos de *acontecimento discursivo* e de *narrativa do acontecimento* de Jacques Guilhaumou (2009).

É por meio dessas leituras e interpretações críticas em torno de Saussure que podemos dizer que há uma descontinuidade na história, em que tudo o que conhecemos sobre ele e suas proposições teóricas são questionadas. É analisar seu material não considerando apenas os ditos e escritos do Curso, mas também lançar mão de um material rico e cheio de novas reflexões que trazem para a linguística novos pontos de discussão em torno de Saussure.

Com efeito, tais questionamentos em torno das contribuições sobre o pensamento saussuriano para a linguística não se concluíram. Com base nos textos originais, há ainda muito o que falarmos sobre essa figura tão importante da Linguística moderna e observarmos que nem tudo se resume na obra fundante. Saussure provocou – e ainda provoca – um grande efeito sobre o pensamento do século XX e continua a provocá-lo por meio de novas discussões no século XXI. Seu pensamento serviu de ponto de partida para muitos autores, como Lévi-Strauss, Lacan, Jakobson, Hjelmslev, entre outros, pois por muito tempo considerou-se a Linguística como uma ciência piloto.

### 3.1 Continuidades e descontinuidades na história: o *acontecimento Saussure*

A noção de acontecimento é vista, nos estudos do discurso, como algo crucial. Nesse sentido, falar desse conceito, de um lado, requer buscar na esteira dos estudos discursivos a noção de enunciação, pois é concebido como um fato que não se repete (ao contrário do enunciado, por exemplo), e inscrito num dado espaço de memória, de outro, por relacionar-se com a história, cuja noção é matéria-prima para sua existência.

Possenti (2009), em uma de suas considerações sobre o conceito, afirma que o acontecimento relaciona a enunciação e a história, em que é responsável pelo encontro de uma memória e uma atualidade. Salienta ainda que a Análise do discurso não concedeu ao conceito um lugar privilegiado, pois a maioria das pesquisas sobre o tema apontam que o acontecimento fora identificado dentro de um arquivo, em que o repetível e o estrutural eram focados. Todavia, o próprio Michel Pêcheux (2008) na época de seus estudos afirmava que o

acontecimento se dá dentro de uma rede de memória e trajetos sociais, e não livremente. Desse modo, nos estudos discursivos estão conjugados forma e conteúdo, compreendendo a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento de linguagem, isto é, retratado pela enunciação.

Pensador francês, Michel Foucault foi um dos mais reconhecidos pensadores de nossa época e, com base em suas ideias, proporcionou um vasto conjunto de pressupostos teóricos, dentre eles a noção de acontecimento, que não se ativeram a um campo específico do saber, isto é, não se vincularam a uma única corrente epistemológica. Pode-se dizer que seus trabalhos dialogam com campos de saberes distintos, como a filosofia, a psiquiatria, a história, a sociologia, a linguística, entre outros.

Sobre a noção de acontecimento, ele a trata diretamente tomando o conceito de enunciação. Ele afirma,

A supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento; não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais profunda que ele; é tratado na sua irrupção histórica que se tenta observar é a incisão que constitui sua emergência” (FOUCAULT, 1969, p. 31 *apud* POSSENTI, 2009, p. 120).

Nesse sentido, segundo ele, há vários tipos de acontecimentos de interesse da História, desde os mais observáveis e visíveis, representando períodos de curta ou média duração, até mesmo os que devem ser reconstruídos por estudiosos, por serem de longa duração e de difícil observação. Pensar o acontecimento para a AD é refletir na relação que ele tem com a história, não como uma sequência linear ou cronológica, mas sim pensar o acontecimento como uma série de variedades narrativas, pontos de vistas, que expliquem, por meio de “novos” acontecimentos, novas enunciações, fatos antes não muito observáveis ou até mesmo esquecidos. Para isto, defende a ideia de que há relações determinantes entre a linguagem e a história, como fatos que estão intrinsecamente relacionados, capazes de explicarem o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos.

É necessário pensar a questão da história a partir de suas rupturas e discontinuidades, visto por que há a irrupção de discursos e o reencontro com sua totalidade, em que não procurasse em tudo o sentido, mas que buscasse explicar desde um grande fato narrado até os pequenos e invisíveis. Para tanto, considerá-la é tomar o acontecimento não no interior de uma série, mas sim, buscar uma ruptura com uma história linear em que se pondera a noção plural de acontecimento.

Ao pensar a questão do acontecimento na história, para Foucault, não seria então considerar apenas os grandes acontecimentos que narram os fatos históricos; não haveria uma única história, a “verdadeira” história dos fatos; nem mesmo a história seria contada por grandes grupos dominantes. Poderíamos pensar a noção de acontecimento de Foucault pela sua relação de forças sobre as práticas discursivas.

Não haveria nenhum objeto histórico que não fosse considerado como um acontecimento para Foucault, retomado por meio de enunciados já ditos e cristalizados. Tais objetos históricos emergiam em uma determinada época, que passava por mudanças de contornos, de significações e por fissuras e fundavam-se por meio de práticas discursivas. Ao buscarmos as condições de emergência dos discursos, podemos compreender como determinado acontecimento se deu na história por meio de certas práticas que definem os acontecimentos discursivos, isto é, acontecimentos históricos que são discursivizados e lexicalizados no discurso.

Com base nos pressupostos de Foucault, se considerarmos um acontecimento histórico “publicação do *Curso de Linguística Geral* em 1916 de Ferdinand de Saussure” e as diferentes formas de como ele é discursivizado (nos manuais de linguística, nas leituras e edições críticas, por exemplo) refletem-se em acontecimentos discursivos, narrados por diferentes pontos de vistas, por meio de diferentes materiais.

Nosso trabalho assume a concepção de acontecimento de Guilhaumou (2009), como algo que se dá no interior do arquivo, isto é, algo que permanece perpetuamente reinterpretável juridicamente e, por conseguinte, atual ao próprio sentido. Por sua vez, o acontecimento discursivo, é considerado por Guilhaumou na perspectiva de Foucault, na *Arqueologia do saber*, em que a simples inscrição do que é dito como elemento é atestado pelo enunciado. Ele assevera que os enunciados pertencem a uma dispersão arquivista e considera necessário pensar o arquivo não como um amontoado de documentos fechados, mas sim olhá-lo como algo que participa de um gesto de leitura.

Assim, pensar a noção de *acontecimento Saussure* no Brasil é tomá-la como um acontecimento de linguagem. Dizer que sua recepção em solo brasileiro é um acontecimento é mobilizar um conjunto de enunciados<sup>8</sup> enquanto função enunciativa, produzidos por um

---

<sup>8</sup> Foucault trata a noção de enunciado a partir de quatro propriedades. São elas: a) o enunciado é constituído por leis de possibilidades, isto é, ele se dá em função das condições de emergência e/ou de enunciabilidades, pois está ligado a um referencial; b) o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada, ou seja, considera-se como um sujeito que adere ou não ao discurso que enuncia. Assim, ele tem um autor que produz discursos e que se posiciona sobretudo por meio de uma posição sujeito; c) o enunciado se integra a um jogo enunciativo, circunscrito a um domínio associado, isto é, ele não é livre. Toda formulação apresenta outras

conjunto de enunciados que são trazidos e revisitados atualmente com base num memorável, a publicação épica de 1916 e que contribui para que seja considerado um grande momento da história da Linguística, que tem em seu interior uma base teórica consistente e necessária.

A publicação do CLG é considerada como um grande acontecimento histórico para o campo da Linguística, um momento enunciativo composto de inúmeras discussões e debates. A essa obra introdutória, polêmica por sinal, é dada a existência a alguma coisa que não existia antes nos estudos sobre a linguagem e que com seu surgimento, uma nova forma de estudar a língua estava em evidência, segundo os moldes do século XX. Nesse sentido, a obra é considerada como algo “revolucionário” para a época. Pode-se dizer que é uma mudança de paradigma na história. A língua, a partir de Saussure, é vista como fruto de uma instituição social e passa a ser o objeto de estudos de uma ciência recém fundada. Novas perspectivas de trabalho surgem em torno de sua concepção, em que ao contrário do que vinha se fazendo anteriormente com base numa perspectiva diacrônica, o foco era, a partir da publicação do Curso, fazer um estudo sincrônico dos fatos da língua.

O CLG continua na ordem do dia, seja para revisitá-lo, considerando os pressupostos teóricos do momento, seja para trazê-lo novamente, mas a partir de uma visada crítica, graças às novas descobertas em torno dos conceitos de Saussure. Assim, enquanto acontecimento de linguagem, Saussure e sua obra são revisitados, memorados, trazidos a (re)significar nos “novos” discursos produzidos em novos materiais de circulação. Todos esses “novos” discursos, são produzidos por *acontecimentos-enunciados*, isto é, narrativas do acontecimento que repercutem constantemente na sociedade, especialmente, no âmbito das ciências da linguagem e que são trazidos novamente à ordem enunciativa por meio de enunciados já ditos anteriormente, mas mobilizando novos efeitos de sentidos que fazem circular no cenário brasileiro. Assim, esses *acontecimentos-enunciados* no interior de acontecimentos discursivos retomam, revisitam, trazem novamente para a discussão fatos que ora se voltam a obra CLG, tais como alguns manuais de linguística (ou simplesmente, manuais de “vulgarização<sup>9</sup>”), ora

---

formulações que ela repete, transforma, refuta, denega e; por fim, d) apresenta-se materialmente, na ordem do repetível.

<sup>9</sup> Pode-se perceber que no cenário brasileiro de estudos sobre Saussure, encontramos alguns manuais de linguística que assumem essa função da vulgarização, isto é, retratam a figura de Saussure e seus pressupostos teóricos por meio do discurso da *didatização*, cujo objetivo é passar, inicialmente, àqueles que não são iniciados na ciência linguística, o que seria de “mais importante” de sua obra fundante. A *vulgarização científica* – não no sentido pejorativo do termo, ou seja, algo que seja ruim ou desnecessário, mas importante na descrição da teoria saussuriana – estaria associada a um trabalho complementar de divulgação científica, que faz com que muito das informações que circulam no meio acadêmico cheguem a um público mais amplo e heterogêneo. Abordar a vulgarização seria tomar um antes – não vulgarizado – e um depois – vulgarizado – do qual seria o seu produto.

se configuram numa outra perspectiva, a da crítica à obra fundante como, por exemplo, as traduções das edições críticas.

Consideramos que, atualmente, um conjunto de materiais críticos que traduzem-se como acontecimentos discursivos, em torno do qual organiza um arquivo, isto é, representa tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar sobre as teorias apresentadas por Saussure no *Curso* e traduzidas, de maneira singular – em diferentes materiais – livros, manuais, artigos, entre outros – que sintetizam o pensamento saussuriano tal como encontrado no *Curso* ou em leituras críticas que recusam tal posicionamento. Mas há mais: além disso, sob esse material, é possível inferirmos que surge, por exemplo, um discurso de que Saussure não considerou a história; de que ele não considerou o sujeito em sua pesquisa. Tudo isso é fruto de leituras particulares, tratados como acontecimentos discursivos, marcado por diferentes vozes, mobilizando a reflexividade da linguagem, isto é, produzindo, ela mesma, seus próprios recursos interpretativos.

Ademais, Foucault afirma que o acontecimento fundamental poderia deixar de ser considerado aquele em que todos se dão conta ou que são visíveis na história, reportados como grandes acontecimentos – publicação do CLG – e pensar em relação a suas práticas discursivas, em que o acontecimento seja considerado como tal na medida que ensejasse sua retomada ou repetição. Esse retorno à Saussure se dá aos enunciados produzidos nas leituras críticas que instanciam sua figura e de suas teorias no *Curso de Linguística Geral* para refutá-las, ultrapassá-las.

A partir disso, consideramos essas pequenas narrativas, pontos de vistas criados pelas leituras críticas sobre as teorias saussurianas como acontecimentos discursivos de um acontecimento histórico e não apenas como reformulações ou novas enunciações do mesmo, isto é, apenas como discursos. Em outras palavras, precisamos (re)pensar as discursividades, ou seja, os discursos postos em funcionamento nos materiais de análise, produzindo efeitos de sentidos distintos. Tais acontecimentos discursivos são contados por narrativas – narrativas dos acontecimentos – produzidas por diferentes autores que se dedicam na (re)escritura da teoria de Saussure, mas de uma maneira distinta, que buscam ultrapassá-lo, “deformá-lo”, através de um “novo” pensamento, além do CLG. Assim, enquanto narrativas do acontecimento, Guilhaumou afirma:

A narrativa do acontecimento relança, então, a ação infinita da interpretação, permite uma abertura máxima das narrações, assimila ação e pensamento, associa o ato e a revelação, torna memorável a vida da heroína e do herói. Introduce-nos no agir político verdadeiro, no sentido em que a ação política é trazida ao julgamento

desinteressado da dimensão universal do acontecimento singular, a exemplo de Kant ao julgar com entusiasmo a Revolução Francesa (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

O acontecimento, segundo o mesmo autor, parte do acontecimento linguístico ao acontecimento discursivo e, deste, à narrativa do acontecimento. O acontecimento linguístico relaciona-se com a norma referencial da língua, isto é, se inscreve na perspectiva referencial, o mundo dos nomes, onde o sujeito já é constituído, tratado como sujeito cognitivo.

No caso da presente pesquisa, observamos que a noção de acontecimento linguístico é definida por sua reflexividade enunciativa, por sua interpretação como acontecimento pelos sujeitos envolvidos na enunciação por reconhecidos pesquisadores produzindo diferentes narrativas de Saussure e suas dicotomias, por exemplo. Além disso, o acontecimento linguístico não depende do fato em si, mas da forma como ele é percebido pelos falantes e narrado diferentemente por meio de narrativas sobre os acontecimentos.

O acontecimento discursivo coloca em evidência um sujeito da enunciação, destacando seus próprios recursos interpretativos. Sobre isso, Guilhaumou ainda ressalta:

Com o acontecimento discursivo, deixamos por um tempo “as linhas de segmentações duras” desse *continuum* para entrar num espaço de linhas menos visíveis, que atravessam, de algum modo, blocos de realidade por todo tipo de desvio. Cruzamos, assim, o limiar discursivo: fala-se doravante, em criatividade do agir, em emergência de transformações sem preexistência alguma. O que é determinante no nível do concreto discursivo. A reflexividade da linguagem, isso é, sua capacidade para produzir, ela mesma, seus recursos interpretativos, constitui o próprio do acontecimento discursivo (GUILHAUMOU, 2009, p. 131).

Tais edições vem causando novas discussões e (re)definindo questões antes muitos cristalizadas. Isso permite que uma nova imagem de Saussure (re)apareça na história, construa sentido e produza novas buscas, novas investigações afim de que se traga novas contribuições na descrição e interpretação desse cenário de estudos saussurianos.

Diante dessa memória viva e social que o autor genebrino traz consigo, outros fatores são importantes, contados não somente por uma parcela da história linear, em que o livro introdutório de Saussure represente a “verdade” sem que se leve em consideração outras “histórias pequenas” contadas a partir de pequenas narrativas. A nosso ver, é preciso observar as pequenas narrativas, as chamadas “micronarrativas” segundo Foucault, os pequenos acontecimentos sobre o mesmo evento diante de uma história não linear, isto é, uma história nova que buscam, na maioria das vezes, visitar Saussure.

É com base nesses conceitos que a seguir, apresentaremos um breve esboço de análise empregando tais noções de acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento

sobre o livro *Introdução à Leitura de Saussure*. Ao trazermos essa obra no contexto da AD, tentamos, com isso, produzir novas interpretações, novos gestos de leitura sobre um acontecimento marcante na história e que até hoje contribui para a descrição dessa ciência Linguística. Diante dos fatos, e enquanto *acontecimento Saussure*, dadas as diferentes enunciações, essa crítica, narrada pelo Simon Bouquet, permite construir mais uma leitura sobre a obra saussuriana e que novos efeitos de sentidos sejam produzidos, reverberando um “outro” Saussure.

### 3.2 A narrativa do *acontecimento Saussure*: releituras de um arquivo

Apresentamos a seguir um primeiro esboço de nossa análise por meio da proposta desenvolvida por Jacques Guilhaumou (2009), que descreve como se deu a descrição linguística do acontecimento acerca do evento da morte de Jean-Paul Marat<sup>10</sup>, representante do povo, que foi assassinado por Charlotte Corday, no final da tarde de 13 de julho de 1793. A partir da grande “repercussão” que esse acontecimento causou, a imprensa de Paris ocupou-se de desenrolar a pompa fúnebre. A abordagem desse acontecimento se dá por meio do que o pesquisador chamou de narrativa do acontecimento, mostrando que as diversas formas de dizer sobre o fato permitiram reconstituir o andamento discursivo na direção dinâmica sobre o acontecimento narrado.

Assim, a narrativa do acontecimento, na perspectiva do teórico, visa a apresentar o percurso de um acontecimento, descrito por sua sequencialidade, mas que sempre está em eterno retorno, não esgotando o movimento da interpretação sobre os fatos. Nesse sentido, a partir dos materiais selecionados que retomam e revisitam o pensamento saussuriano ditado inicialmente no *Curso de Linguística Geral*, como um grande acontecimento histórico, em torno do qual se organiza um arquivo, apresentamos uma pequena amostra do fazer analítico considerando uma descontinuidade. Com base no que foi dito anteriormente, tomemos a obra *Introdução à leitura de Saussure* (1997) de Simon Bouquet.

Nessa narrativa, mostramos as peculiaridades importantes quanto ao processo discursivo de sua organização e produção, como acontecimento. Em primeiro lugar, ela rompe com o que vinha se firmando, por exemplo, em alguns manuais de “vulgarização”, isto é, obras que reforçam e reafirmam a característica estrutural do CLG. Temos, assim, um novo ponto de vista, uma ruptura na história, que deixa de considerar os grandes fatos – as

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes que cercam essa análise do acontecimento da morte de Marat, conferir a obra *Linguística e História*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.

dicotomias na maioria das vezes – contadas por Saussure do CLG e busca investigar os pequenos, que se baseiam nos manuscritos saussurianos.

Em virtude disso, Bouquet (1997) considera que alguns pontos-chaves da teoria descrita no CLG não são trazidas tal como Saussure realmente pensou, possibilitando-se, desse modo, um “apagamento” do “verdadeiro” pensamento saussuriano. Em outras palavras,

O texto de Bally e Sechehaye reflete uma teoria da ciência que não é de Saussure. Enquanto Bally e Sechehaye empunham de maneira unilateral a bandeira comum de sua época quanto ao estatuto de uma ciência humana no campo dos saberes – em outras palavras, uma ideologia da positividade –, os enunciados originais de Saussure desenvolvem um pensamento infinitamente mais sutil e original (...) (BOUQUET, 1997, p. 15-16).

Conforme o pesquisador francês, é essencialmente a recepção desse livro que o terá tornado apócrifo, uma vez que ele foi amplamente atribuído a Saussure (as numerosas ocorrências na literatura do século XX, e sob as melhores penas a escrita de frases como “[...] no Curso, Saussure escreve que [...]”). Dessa forma, o nome próprio de Ferdinand de Saussure, autor do Curso, pode ser considerado como ilegítimo. Para lhe render justiça, conviria antes falar na ocorrência de um pseudo-Saussure e de seus pseudo-editores.

Em primeiro lugar, é necessário salientar a fala de Bouquet no prefácio de sua narrativa, em que reconhece a importância dos editores na organização do Curso de 1916. Segundo ele, “Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana [e] é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra” (BOUQUET, 1997, p. 13). Mas adverte:

Essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos [o CLG como: a) um sistema acabado e; b) como um discurso homogêneo], as notas do Curso e os manuscritos de Saussure em que se apoia (BOUQUET, 1997, p. 13).

Assim, com base na narrativa contada pelo pesquisador francês, podemos observar que ele reconhece a importância que o CLG adquiriu para a institucionalização da Linguística do século XIX, mas lembra que se trata de um pensamento inacabado e que para revisitá-lo é necessário buscar novas leituras – críticas –, novos aportes teóricos para voltar-se a um constructo teórico tão rico e, ao mesmo tempo, tão desconhecido. Ademais, segundo o autor, “permitir a releitura de Saussure em sua letra original não é, certamente, algo sem importância nos dias de hoje” (BOUQUET, 1997, p. 18). Vejamos sua afirmação:

A leitura dos textos originais, livre da influência do CLG, é recolocada no quadro de uma teoria dos saberes, permite descobrir os modos pelos quais se tece essa relação de complementaridade, que liga uma epistemologia da gramática comparada a uma metafísica da linguagem renovada por essa epistemologia (...) (BOUQUET, 1997, p. 16).

Pensando no acontecimento discursivo “publicação da obra de Simon Bouquet com o objetivo de revisitar o pensamento de Saussure”, descrevemos esse acontecimento no sentido de apresentar o andamento discursivo dessa leitura saussuriana e de expressar a dinâmica desse mesmo acontecimento, evidenciando o recorte temporal em nossa análise. Ou seja, com a narrativa do pesquisador francês, mostramos como um acontecimento discursivo é capaz de promover um movimento narrativo coletivo, dando a publicação de 1916 sentidos outros que podem ser recuperados no interior do arquivo.

Assim, há a possibilidade de buscar nos arquivos do passado, conceitos antes desenvolvidos por Saussure no CLG e que agora, com base nas leituras e interpretações críticas, há uma retomada de seu pensamento, não mais como uma leitura homogeneizadora, ou como o próprio Bouquet afirma, uma “lógica de um sistema acabado”, mas uma leitura crítica que permite revisitar as fontes manuscritas e originais e buscar um Saussure não tão conhecido por todos, com base num acontecimento sob a ótica da narrativa do acontecimento, contada a partir de uma interpretação específica, a do *autor-narrador* Simon Bouquet (BOUQUET, 1997, p. 13).

Ao tomarmos alguns pressupostos da narrativa de Bouquet, encontramos fatores antes não explicitados no Curso de 1916 e que, a partir dessa releitura interpretativa, reflete numa necessidade de revistar o pensamento de Saussure a fim de buscar “decifrar” um autor tão obscuro e tão representativo. Notamos que os discursos propagados foram postos a circular num acontecimento narrado do ponto de vista do seu locutor, Simon Bouquet, que, em sua empreitada, debulhou-se sobre os discursos ocorridos e deu ao acontecimento o que Guilhaumou (2009) chama de “efeito de autoridade”.

Guilhaumou afirma que as narrativas postas em circulação como, por exemplo, a morte de Marat, são cercadas de julgamentos e de avaliações polêmicas; algo que se assemelha, podemos dizer, com a leitura de Saussure no Brasil por meio de alguns manuais e leituras críticas. Podemos considerar esse material de Bouquet como uma narrativa, na sua grande totalidade nas falas desses mesmos sujeitos, pois há sempre um sujeito autorizado para dizer (ou questionar) sobre as teorias do mestre.

Se considerarmos, por exemplo, o manuscrito *De l'essence double du langage* em outras leituras feitas por Simon Bouquet, Saussure compreende, sobretudo, a inseparabilidade

dessa equação que o Curso não teria jamais deixado imaginar: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., *o todo sendo inseparável*” (ELG, p. 45 *apud* BOUQUET, 2009, p. 169, itálico do autor). Durante suas aulas de linguística geral, Saussure mencionou a dualidade da linguística: “Aqui, pela primeira vez, a questão de duas linguísticas”, escreve Saussure em suas notas preparatórias para o segundo curso (ELG, p. 299 *apud* BOUQUET, 2009, p. 196).

Desse modo e ao mesmo tempo, Bally e Sechehaye teriam alterado uma aula de Saussure, presente no terceiro curso para deixá-la de acordo com sua tese. Tal aula comporia o que Saussure delimitava de “linguística da língua” e “linguística da fala”: “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente” (CLG, p. 22). E ao mesmo tempo de um acréscimo apócrifo: “a língua é um objeto da linguística propriamente dita” ou “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CLG, p. 271). Ademais, eles suprimem sistematicamente a palavra discurso, em sua acepção sinônima de fala.

Outro aspecto importante que Guilhaumou (2009) discute sobre o acontecimento é o da descrição que se faz dele como efeito de objetividade. Este movimento é feito como um processo-espetáculo, em que são narrados os fatos sobre a teoria de Saussure, numa maneira de espetacularizar o fato desses conceitos serem muito importantes e responsáveis pelo surgimento da Linguística.

Logo, queremos afirmar que a publicação dessa leitura crítica se configura no que Guilhaumou (2009) chamou de narrativa do acontecimento sobre um *acontecimento Saussure*. O exemplo que ele utiliza para explicar o conceito, o acontecimento da morte de Marat, faz-nos refletir acerca dessa publicação no Brasil diante de um cenário de intensa manifestação sobre os estudos saussurianos, pois acreditamos que o acontecimento discursivo que essa publicação engendrou atende aos passos de descrição do acontecimento, sob a perspectiva de Guilhaumou (2009), como algo institucional, objetivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a discussão sobre Saussure e suas contribuições, este texto não tem a pretensão de decidir, antes problematizar. Aventurar-se a estudar a teoria saussuriana e a maneira como ela, hoje, adquire novas ressignificações a partir das novas edições e leituras críticas equivale a embrenhar-se numa mata densa, achar-se espreito a qualquer tipo de mudança com todos os riscos que podem decorrer dessa aventura narrativa. Muitas

discussões, em virtude do espaço, foram deixadas de lado, outras vieram em forma de entremeios, afinal, é preciso tomar-se um ponto de partida e imaginar uma possível conclusão.

Nesse sentido, não é possível negarmos a influência do CLG no cenário da Linguística. Ele foi responsável por uma mudança na forma de abordar a língua, é tido como um grande acontecimento histórico dessa ciência piloto. A partir de sua herança, de modo que, seja em falta, seja em falha, seja em complemento, seja em reconstituição, o pensamento saussuriano está na base do movimento de constituição da Linguística como ciência, seus axiomas e seus princípios de base (MILNER, 1987). Negar a ele tal função é ao mesmo tempo negar a própria existência da linguística.

Em virtude disso, o percurso de Saussure na teorização sobre a língua aponta novos caminhos, abre sendas e veredas para novas discussões. Nosso objetivo, neste artigo, foi articular brevemente sobre a noção de *acontecimento Saussure* no cenário brasileiro, uma vez que na contemporaneidade, no campo das teorias linguísticas, passa-se a ser um grande constructo teórico, muito discutido no meio acadêmico e que se torna um modelo de investigação científica. Ao trazermos tais considerações saussurianas para o domínio da Análise do discurso, nossa investigação deve-se à busca de novas releituras de um mestre tão representativo, mostrando-o que ainda tem muito a se dizer, a nos ensinar.

As traduções das edições críticas que surgiram mais fortemente no Brasil a partir do início do século XXI indica que ele ainda guarda “segredos”, possibilita novas interpretações antes muito fechadas e cristalizadas entre si, graças à influência da obra marcante para esse campo, o *Curso de Linguística Geral*. Não é nosso objetivo desconsiderar tal obra histórica, pelo contrário, é mostrar que com essas novas releituras há ainda muito a que se buscar sobre o mestre de Genebra e de que seu pensamento ainda permite novas reflexões teóricas, novos questionamentos mesmo muito tempo depois de seu aparecimento.

Ao trazermos Simon Bouquet (1997, 2009) para nossa empreitada analítica, permitiu-nos mostrar que ainda há uma incompreensão dos conceitos saussurianos chaves e que com sua leitura, uma nova perspectiva se abre, mais crítica. Por meio de sua narrativa, é possível encontrarmos uma visão crítica daquilo que se firma(ou) nos estudos linguísticos, principalmente sobre as famosas dicotomias saussurianas. Ao trazer, por exemplo, a contribuição da *Dupla Essência da Linguagem*, frente à oposição *língua e fala* e a eleição de um termo sobre o outro, empregada no CLG, possibilita-nos pensar que estamos diante de uma nova forma de abordar Saussure, estamos diante de um outro Saussure, o crítico.

Não queremos dizer que tal interpretação/releitura, mobilizada por diferentes acontecimentos discursivos, seja a mais correta, ou que não podemos questioná-la, todavia

queremos mostrar que a partir dela, por meio de um outro ponto de vista, o crítico, uma nova instância de discursos se irrompe, cria novas formas de dizer o já dito e escrito e contribui para uma ruptura na história contínua. Tais considerações facilitam – na maioria das vezes – observar Saussure e seu pensamento com outros olhos e propor a partir do que já existe novas formas de interpretações que comporão este *arquivo saussuriano*.

## REFERÊNCIAS

BOUISSAC, P. **Saussure: um guia para os perplexos**. Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco, São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, 2009, p. 161-175. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25475/14127>>. Acesso em 31 de dez. 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

GREGOLIN, M.R. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. Vanice Sargentini e Pedro Navarro-Barbosa (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2004.

GUILHAUMOU, J. **Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009. 250 p.

MILNER, Jean-Claude. **O amor na língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NAVARRO, P. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. Vanice Sargentini e Pedro Navarro-Barbosa (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2004.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2008.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

RUIZ, M. A. A. **A recepção do Curso de Linguística Geral nos manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo.** 2015. 128p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5801>>. Acesso em 31 de dez. 2018.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** 34<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Língua Geral.** Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2002.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

ARAÚJO, L. M. B. M.; RUIZ, M. A. A. Gestos de Leitura em Saussure: Em Busca do “Verdadeiro” Pensamento na História da Linguística. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n. 6, art. 11, p. 208-226, nov./dez. 2019.

Contribuição dos Autores	L. M. B. M. Araújo	M. A. A. Ruiz
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X